

Leonel Brizola

Brizola expirou à noite do dia 21 de junho de 2004. Estava em luta, em meio a intensas negociações visando a articular uma ampla frente nacionalista que, segundo as palavras do professor Mangabeira Unger, “pudesse livrar o país de ter de escolher em 2006 entre duas coalizões políticas – uma organizada em torno do PT e do presidente atual e a outro, em volta do PSDB, e do presidente anterior” (FHC).

Abre este dossiê entrevista, para a TV Senado, concedida ao jornalista Chico Sant’Anna em 21 de março de 2004. Ela nos revela um homem no apogeu de suas faculdades intelectivas e emocionais, que passeia pelo interior de seu novelo de recordações, lances de uma vida intensamente vivida. Certamente foi, nessa etapa da vida política brasileira que, conforme o dizer de muitos, finda-se com sua morte, o último a chamar o povo às armas, a dar armas ao povo para a defesa da legalidade institucional. Este exemplo encherá de vergonha uma geração, mais uma razão para que seus inimigos procurem desacreditá-lo. Em seqüência, seguem ensaios alusivos ao homem e ao político Leonel Brizola, selecionados na imprensa brasileira, com destaque para o texto do professor Mangabeira Unger, que traz elementos de um manifesto à Nação. Fecha o dossiê discurso do Senador Cristovam Buarque, do PT, na tribuna do Senado em 24 de junho de 2004.

Entrevista Leonel Brizola

Um brasileiro legalista

TV Senado em 21 de março de 2004

Repórter: Chico Sant'Anna

Getúlio Vargas

Brizola - O Governo do Presidente Vargas entrou nas estruturas, foi um governo que representou realmente uma mudança na vida brasileira e claro que teve esse problema do regime discricionário do Estado Novo, quando muita gente, se aproveitando da bondade do Presidente, praticou muitos atos que desabonaram aquele período; mas ele, o Presidente Vargas, foi desculpado pelo povo brasileiro, por esse aspecto, porque não foi um Presidente perseguidor, não foi um sanguinário, absolutamente não.

O povo brasileiro o amava. Ele andava metido no meio do povo, sem problema nenhum. O esquema de segurança dele era a dedicação do Gregório, aquele negro que eu, pessoalmente, até muito admirei pela dedicação e pelo bom-senso, e me causou muita surpresa quando tomei conhecimento que ele havia admitido aquelas ações contra a vida do Lacerda.

O Presidente Vargas era um homem boníssimo. Tanto que ele vivia, depois que ele caiu do governo (1945), praticamente sem ninguém na fazenda em que ele morava. Eu conheço bem isso que aconteceu nesse período, porque coincidiu com o período de namoro com a minha futura mulher, a Neusa, e lá eu fui com ela muitas vezes, porque ela ia lá fazer uma limpeza na casa com a mulher do capataz. Ia até arrumar a cama dele, porque ele viveu com uma simplicidade, uma coisa admirável. Ele se cobria com uma capa gaúcha, contra a chuva e contra o frio. Ele gostava de se cobrir com aquela capa. Eu conheço bem todo esse período lá. Praticamente não tinha segurança nenhuma. Quando, às vezes, ele saía,

para convites, que raramente ele atendia, ia de peito aberto, vinha um teco-teco do Jango buscá-lo simplesmente com um piloto, que era uma pessoa de confiança, o Cleberto, e o levava. Descia lá e ele estava sozinho com os amigos. Então, ele não foi uma figura que fosse marcada pelo ódio. As elites é que ficaram realmente muito molestas, muito marcadas, muito envenenadas com as iniciativas que ele tomou.

O Presidente Vargas quebrou todo um andamento da história. Foi ele que mexeu na infra-estrutura do país. Tinha uma visão estratégica e que, sobretudo, trouxe cidadania para a maioria dos brasileiros. A começar pela metade do povo brasileiro, logo nos primeiros tempos, que foi o caso da mulher, ele deu direitos civis à mulher, que não era nem cidadã, não podia nem votar. Ele organizou o BNDES e com a ajuda de outros que estavam ali e que eram nacionalistas puros, ele realmente cumpriu com o dever dele.

Juscelino Kubitschek

Eu acho que o Governo do Juscelino foi realmente de muita significação para o Jango Goulart. Ele foi escolhido como companheiro de chapa do Juscelino em função do que ocorreu em nosso país com a morte, o suicídio do Presidente Vargas. O Juscelino quis se aproximar de toda aquela área política e sem nenhuma dúvida que, embora o governo tenha-se saído muito mal nas eleições seguidas de 24 de agosto. Em outubro ele se saiu muito mal. Ele perdeu as eleições para o Senado, nós perdemos as eleições para o Governo. Dava a impressão que aquela situação estava se consolidando, através do voto. João Goulart ficou muito abalado com aquela situação. Até se retirou, saiu e foi viajar. Muitos de nós contribuimos para reanimá-lo sobre a situação. Quem primeiro tomou a iniciativa de procurar João Goulart, por paradoxal que pareça, foi a UDN. Foi uma personalidade da política cearense, Virgílio Távora, sobrinho do próprio Juarez Távora*, que foi visitar o Jango. Tinha relações pessoais com ele e daí começou.

* General Juarez Távora, chefe da Casa Militar do Presidente Café Filho, e candidato da UDN à presidência da República nas eleições de 1955. N. do E.

Eu creio que aquilo ali apressou a posição do Juscelino de procurar uma aproximação com o João Goulart. Foi, inclusive, motivo de ação do próprio PSD de admitir essa fórmula, e trabalhar por ela, criando a idéia de uma composição de candidatura Juscelino /João Goulart. Creio que esse período foi muito útil para João Goulart. Eu pude assistir, ver como um presidente dinâmico, atuante, pode atuar na presidência. Creio que era um país que acreditava em si mesmo, um país que havia assumido um impulso. A única acusação que pesava no ar era de que tudo aquilo tinha sido feito às custas da inflação. Como também essa acusação foi feita contra o Presidente Vargas, que depois de eleito senador, depois de ter caído em 45, fez um discurso e recordo as suas palavras “Bendita a inflação que fez isso, fez aquilo, fez isso, fez aquilo...”.

O Juscelino também. Ele agravou a situação inflacionária, mas ele fez Brasília. Fez muitas estradas, muitas obras, toda uma coordenação que deu dinamismo à vida brasileira. Claro que em prejuízo de alguns setores. Acho também que o governo dele não foi feliz em matéria de agricultura, em matéria de produção, disse que é uma vocação do nosso país, pela quantidade de terras agricultáveis que podem ser facilmente aproveitáveis, tanto para agricultura quanto para a pecuária. Juscelino não foi atento. Não cuidou desse setor. Depois do Presidente Vargas, creio que a figura do Juscelino teve uma expressão muito grande, foi um governo realmente. Eu sou insuspeito, porque eu tive muitas dúvidas a respeito das decisões que o Governo Juscelino passou a tomar. Por exemplo, eu acho que o plano de associação com o capital estrangeiro fixou algumas questões que estão aí até hoje. O Brasil podia ter arrancado vigorosamente com a idéia de estabelecer sua própria indústria automobilística, como fizeram os coreanos. O que nós temos aqui pertence a outros países. Toda tecnologia da indústria automobilística vem de outros países. Vem de lá e continua vindo. Até os nomes dos carros não são nossos. Nós podíamos ter arrancado com a indústria automobilística. Foi muito importante no mundo, a presença do automóvel com a sua nacionalidade. Os japoneses arrancaram e venceram. Não vamos nos comparar. Mas o fato é que nós tínhamos condições e o Juscelino se entregou logo à associação com o

capital estrangeiro. Não sei qual era a sua intenção profunda. Mas nós tínhamos, já no Governo Vargas, algumas iniciativas que marcharam. Não sei se vocês se lembram de um caminhão chamado FNM. Tínhamos também outras iniciativas nessa matéria que já estavam caminhando e bastaria um pouco de esforço. Você vê o caso de agora, de alta tecnologia, como é o caso dessa fábrica de aviões, que está aí produzindo, disputando. Porque a tecnologia também se compra, se absorve, se assimila, se copia e depois se aperfeiçoa, como fizeram os japoneses. Eu acho que esse é um ponto. Outro ponto é que ele pouco se preocupava, pelo menos aparentemente, até o limite do meu conhecimento, com a dominação estrangeira sobre o nosso país.

Brasília

Eu tinha muitas dúvidas a respeito. Achava que não tinha que ser levada tão longe e podia ir para um ponto mais intermediário. Sempre fui favorável à transferência da capital, pelos problemas que existiam aqui (no Rio), o que nos levava a uma limitação da própria visão que devíamos ter do nosso país. Mas não para tão longe, porque isso nos onerou e muito. Viagem para lá, viagem para cá, tudo lá era completamente dependente do Tesouro e até hoje, o funcionamento da Capital é muito caro. Eu achava mais favorável que a Capital ficasse pelo sul de Minas, uma área mais perto, mais próxima, que ia dar um dinamismo muito maior.

Jânio Quadros

Eu não conhecia o Sr. Jânio Quadros. Como eu estava lá no nosso Rio Grande, uma espécie de fim de linha, e o Jânio era Prefeito de São Paulo e Governador de São Paulo, eu não tinha nenhum apreço pelas atitudes dele. Apoiei a candidatura Lott contra ele. Firmemente, lealmente, acreditava na seriedade do Marechal Lott. Mas, também, às vezes, me preocupava com as limitações, a sua visão da vida nacional. Ganhou o Jânio e eu, governador do Rio Grande do Sul, com muita dificuldade de relacionamento. Porque o próprio João Goulart, que se elegeu vice, porque ele pertencia a uma outra

fórmula, a do Marechal Lott. Naquele tempo, o vice-presidente se elegeia independentemente do presidente e ele foi eleito, tomou posse, visivelmente numa situação de desagrado, de muito desconforto de todas aquelas forças udenistas, conservadoras, umas coisas heterogêneas até, que acompanhavam o Sr. Jânio Quadros na Presidência da República.

Paradoxalmente, a partir da viagem que ele, Jânio Quadros, fez, logo que assumiu, ao Rio Grande do Sul, para comparecer à Festa da Uva lá em Caxias, nós passamos a desenvolver um bom relacionamento. Ele foi muito correto e eu também tratei de criar um ambiente para que ele se sentisse à vontade. Mas, ele insistiu para que nós conversássemos, viajássemos juntos e falamos sobre alguns problemas e foi naquela viagem dele que nasceu o programa da soja. De uma conversa nossa e de uma pequena anotação que eu fiz para ele. Ele me disse que o Presidente Sukarno havia falado a ele sobre a soja numa viagem que ele tinha feito e que ele ia tomar em conta aquele lembrete que eu lhe dei. E de fato, não demorou poucos dias e ele já estava me mandando recursos para realizar aquela programação de produção de sementes adequadas. Porque não havia o cultivo da soja naquela época. Era apenas um cultivo doméstico, que alguns agricultores no Rio Grande do Sul realizavam, mais para fazer ração para suínos, para utilizar até como adubo verde. Não tinha nenhum valor de exportação. Aconteceu que passamos a trabalhar juntos nesse assunto e noutros que, sem dúvida nenhuma, lançaram as bases de algumas linhas de desenvolvimento da vida brasileira, como foi o caso do trigo. Nós fizemos um convênio com os italianos. Como no inverno lá corresponde ao nosso verão e vice-versa, então passamos a dar velocidade aos experimentos, porque podíamos fazer duas safras por ano, para alcançar um trabalho genético mais rápido. Enfim, eu me dei muito bem com ele. Sinceramente, só tenho bem dizer, a elogiar o governo Jânio Quadros, em relação ao tratamento que ele deu às nossas relações. Nunca me propôs nenhum plano político, nem qualquer outro tipo de articulação. A nossa relação foi de presidente-governador.

Cuba

Quando chego à Conferência de Punta del Este, aquela célebre reunião da Aliança para o Progresso, o Sr. Jânio Quadros me honrou com o convite para ser o vice-presidente da Delegação, e eu que dependia das relações com o Governo dele, achei que aquilo despertou algum mal-estar entre os ministros dele que iam à Conferência, especialmente o Ministro da Fazenda, que era o presidente da delegação (*Clemente Mariani*). Até viajei para Brasília para me desculpar, que não podia ir e agradecer. Na reunião, ele se referiu a mim, dizendo que “a sua presença é importante, o senhor é um governador de oposição, é muito importante que o senhor esteja conosco. O Brasil precisa estar unido nestas decisões de política externa”. E fez recomendações, instruções para aquela delegação e eu próprio pensei: essa eu não vou perder. Eu quero assistir a essa, porque ele disse: “se Cuba for excluída, os senhores se retirem da Conferência”. Entre outras. Digo: bom, a essa eu vou. A minha surpresa foi que ao chegar lá, a delegação já estava hospedada no mesmo hotel que a delegação americana e já estavam trançando um conjunto de decisões e o presidente da delegação me determinou que eu fosse para o plenário, eles foram para as comissões acertar as coisas. Segui as instruções do presidente. Quando o ‘Che’ falou, foi um discurso de oposição às intenções americanas. Como faziam com todos os delegados, que eram aplaudidos de pé, eu me levantei para aplaudir o ‘Che’. Depois eu vi que só eu tinha me levantado, mais ninguém. Não só da nossa delegação como de todas as demais. Era só a delegação cubana e eu. Claro que então eu pude constatar que as coisas ali tinham a intenção de isolar Cuba e dar um avanço às intenções americanas a esse respeito. Então tomei a iniciativa de passar um telegrama para o Presidente Jânio Quadros dizendo que tinha de voltar e que eu agradecia muito e me retirava da delegação.

Renúncia de Jânio Quadros

Eu estava assistindo a uma parada militar porque era exatamente no dia do Soldado. Chovia a cântaros. Falei ao comandante do III

Exército, General Machado Lopes: “Esse pessoal vai adoecer”. Ele estava fechado, preocupado. E o General Muricy, que era chefe do Estado-Maior dele, volta e meia, vinha e falava alguma coisa ao ouvido dele. “É, Senhor Governador, o senhor tem razão. Vou suspender essa solenidade. Está chovendo muito e esse pessoal vai adoecer e o juramento à Bandeira dos recrutas que estão ali aos milhares”. Logo que terminou a solenidade, eles saíram apurados. O meu instinto me aconselhou que eu devia ir para um outro lado e fui para o escritório da Caixa Econômica Estadual e o meu Secretário de Imprensa, o jornalista Contursi, cuja memória eu invoco com grande respeito, um grande companheiro, ele e um assistente de imprensa que eu possuía, Hamilton Chaves, ambos me chamaram para dizer que a *France Press* tinha a informação de que o Jânio Quadros renunciara. Aí então eu compreendi um pouco a inquietação dos chefes militares que já deviam estar recebendo informações sobre o assunto. Aquilo que nos parecia uma notícia inverossímil, foi se confirmando. Eu me comuniquei com o General Machado Lopes, comandante do III Exército sobre os nossos deveres. Eu disse a ele: “General, vou começar a tomar todas as providências para resguardar, manter a ordem, porque nós sabemos que conseqüências podem ter uma renúncia do Presidente”. Isso foi à tarde e já se sabia desse veto dos militares, que não queriam nem o regresso do presidente João Goulart. Tratei de tomar as providências que podia. Concentrar o poder. Mobilizei a Brigada Militar e submeti à Brigada o assunto. Eles praticamente, sem exceção, unanimemente, estiveram solidários ao Governo do Estado, no sentido de que nós não poderíamos, não deveríamos, aceitar aquela posição dos ministros militares, já que aquilo significava rasgar a Constituição. E fui tratando de mobilizar, dando declarações, notas, mostrando que nós não podíamos aceitar aquilo. E os manifestos por aqui também surgiram e eu tratei de telefonar, me comunicar com outros militares, primeiro os nossos. Procurei contato com o General Kruel. Perguntei a ele se ele se dispunha a se deslocar para lá para nos ajudar e ele disse: “Prontamente. Mande me buscar, dê um jeito para me buscar, que eu vou”. E assim por diante.

Nesse momento, eu procurei um contato com o General Costa e Silva que tinha comandado lá (*no Rio Grande do Sul*) também uma grande unidade e com quem eu tinha relações. Ele estava em Recife, comandando o IV Exército. Falei com ele que me atendeu bruscamente. Governador, eu estou no Exército. Só cumpro ordens do General Denys” (*Odílio Denys, ministro da Guerra*). Eu digo: “Mas General, eu não estou querendo que o senhor cumpra ordens, a não ser do seu comandante, do seu ministro. Eu terei que ponderar que se trata de respeitar a Constituição”. Ele disse: “Governador, eu já lhe disse que eu aqui só cumpro ordens do Ministro da Guerra”.

“General, eu não estou querendo que o senhor descumpra. Me permita ponderar que é a defesa da Constituição”.

“Governador, o senhor me faça o favor de não ligar mais para cá o telefone”.

Eu voltei a insistir.

“Governador, já lhe disse: o senhor não ligue mais o telefone para cá”.

Bem assim.

Eu digo: “General... (eu disse uma expressão daquelas bem típicas de quem que se sente indignado com a falta de cortesia, de educação que eu não iria telefonar mais, mas que ele era um golpista daquele jeito).

Chico Sant’ Anna – Havia um risco de guerra civil?

Brizola: Havia. Nós já estávamos trabalhando também o III Exército internamente. Havia muitos militares lá com os quais nós tínhamos relações e que nós estávamos vendo aquela situação evoluir corretamente. Havia um plano golpista atrás, minando toda aquela ação federal. Inclusive pelas posições de alguns militares e civis, conhecidamente golpistas e antigetulistas.

CS – Por exemplo?

Brizola: Por exemplo, a posição dos próprios generais que estavam ali cercando o General Denys. Por exemplo, o General Geisel, não esse que foi presidente. O outro, que era o mais velho, uma espécie de chefe de todos os Geisel, que eram 4 generais. O Orlando Geisel, que era chefe de gabinete do Denys. E lá estava o Juarez (*Juarez Távora*) e todo aquele pessoal.

Dali a minutos, já era aquela escuridão.

Então eu determinei, quando começamos a receber informações fidedignas, seguras, das rádios, que o gabinete do Ministro da Guerra passara para o III Exército, mandando destituir, calar o governo, que concentrasse as forças que fossem necessárias em Porto Alegre, enfim, derrubar o Governo. Que usasse a aviação que já tinha ordens para o bombardeio do que fosse necessário.

CS – O Palácio Piratini?

Brizola - É, o Palácio Piratini e outras áreas de concentração da Brigada Militar, os quartéis. Diante daquilo ali, eu não tive dúvida. Tomamos uma medida, sem nenhuma cobertura jurídica, um pouco pela força. Tínhamos apoio técnico. Mandamos transferir a Radio Guaíba para o Palácio, os microfones lá, e guarnecer o estúdio e guarnecer fortemente as torres. E passamos a anunciar que eu ia falar. Fui falar. Foi um momento de grande emoção. Aquilo fez ferver o coração do povo gaúcho e no resto do país daqueles que tiveram a casualidade de ouvir também. Nós dissemos: “esse golpe não vão dar pelo telefone. É claramente um golpe. Eles vão ter que dar esse golpe à bala. Agora, nós não vamos dar o primeiro tiro, mas o segundo será certo que será nosso”.

Mandamos juntar tudo que era armamento. Tinha uma fábrica lá que era de revólveres, a Taurus. Tudo funcionava. A mobilização era até milagrosa como se realizava. E passamos a desafiar a situação. Eu disse: que venham, porque vão encontrar aqui escombros para lavar a face da Nação que está sendo vendida, está sendo atingida, desrespeitada, por esse grupo de militares insensatos que querem nos impor o regime discricionário. Nós desafiamos mesmo. Que venham e já estavam anunciando uma frota da Marinha. Pois bem, quando eu terminei de falar, tinha uma multidão, quase 100 mil pessoas na frente do Palácio. Eu pedi que as famílias saíssem daquela área. Mas foi um momento de grande emoção. Nós fizemos a Nação tremer com aquele momento.

Nós tínhamos um general que comandava uma divisão de 11 mil homens na zona de fronteira com a Argentina, o General Osório. Ele me mandou dizer que ele achava tudo aquilo uma insensatez e uma loucura do General Denys e que queria colocar a divisão dele

sobre rodas e me pedia onze trens. Eu tratei de mobilizar a estrada de ferro que era da administração estadual e logo colocamos lá os onze trens que ele pediu. Antes do General Machado Lopes tomar a iniciativa, decidir por nos apoiar, quando ele foi lá conversar comigo, o General Osório já estava em marcha. Veio e subiu com a divisão dele até Ourinhos, em São Paulo.

CS – Quando ele pediu os trens, o senhor sabia qual era a amplitude do plano de guerra dele, da ação dele?

Brizola – Sabia. Ele me mandou dizer: Vou me deslocar com a minha divisão. Eu aqui não tenho “furo”. Os oficiais que discordaram eu já mandei que passassem para a Argentina, que se internassem na Argentina e vários oficiais foram para a Argentina. Entregaram a pistola na fronteira e se internaram na Argentina. Disse ele: “A minha divisão está limpa. Eu vou subir”. O General Pery Beviláqua era outro que tinha em Santa Maria. Mas ele se entendeu com o Beviláqua para não se atrapalhar passagem dele por Santa Maria. Ele chegou até Ourinhos, São Paulo.

O depoimento dele é de que por toda parte que passava era bem recebido pela população e também pelos militares. Não só do III Exército como alguns contatos que ele fez em São Paulo que não estavam cumprindo ordens que vinham de Brasília para investir contra a posição do Rio Grande do Sul. Enfim, foi um momento que teve seus desdobramentos. Depois o Presidente chegou e passei tudo para ele, dei o meu ponto de vista. À noite votaram o parlamentarismo numa madrugada. Rasgaram a Constituição. Eles não estavam autorizados para aquilo.

Resistência Civil

Na hora em que nós distribuimos armas para o povo não era para fazer brincadeira, para fazer tetéia, era para dar tiro. Fizemos filas. Toda a arma leve que nós conseguimos reunir, as da Brigada que possuía outras armas mais pesadas e as do comércio e as daquela fábrica, nós distribuimos. Entrava em fila e só se identificava. Não precisava assinar recibo, não se perde tempo com recibo. Vamos só ficar com o teu nome aqui e o número da sua carteira. Entregava o

revólver e uma caixa de balas. Daqui a pouco as mulheres vieram. Façam uma fila que vamos entregar armas para as mulheres e entregamos armas leves para elas. Quando terminou o armamento leve, passamos a entregar fuzis. Elas foram receber instruções ao lado dos oficiais da Brigada Militar, como manejar um fuzil e recebiam um fuzil e uma cartucheira de balas. E os comunistas vieram em grupos e disseram: Será que nós podemos receber armas? No que vocês são diferentes de nós? Vocês têm que combater como brasileiros e como democratas e não como comunistas ou como integrantes daquele ou outro partido. É só o que eu peço a vocês.

CS- Governador, que papel os sindicatos desenvolveram em 63? Eles contribuíram para desestabilizar o Governo João Goulart?

Brizola - 63?

CS - 63, 64.

Brizola - Não, ao contrário. Eles estavam ao lado do governo. Havia muita manobra. Por exemplo, houve muita infiltração de gente com propostas, algumas foram até aceitas e outras absurdas. Por exemplo: vamos fazer uma greve para mostrar que somos contra tudo isso. Era isso que eles queriam. Greve todo mundo fica em casa. Até a mulheres dizem: não vá fulano, porque lá vai ter perigo. Propostas absurdas. Fazer greve geral naquela hora. Aquilo foi uma decisão ou de gente que foi lá com essa proposta para nos neutralizar ou por ingenuidade, quando o correto era estar na rua.

CS- Havia uma República sindical?

Brizola – Não. Era uma espécie de intriga muito antiga. Toda República tem que ter os sindicatos livres, atuando, senão não é República, é um regime autoritário. É como muitos regimes que se intitularam socialistas e acabaram com os sindicatos. Isso não é república nem socialista, se acaba com os sindicatos. Foi um dos grandes erros da União Soviética.

Reformas de Base

Havia, na verdade, intenção de mudar a situação e muitos setores que apoiavam o Governo, que propugnavam pelas reformas. Mas também não havia uma visão bem estabelecida sobre essas reformas, mas havia a intenção verdadeira de fazer a reforma urbana, casas para todas as famílias. Toda a família brasileira, num país desse tamanho, tem o direito de ter um terreno, ou um sítio que seja, para produzir e para morar. Isso é uma reforma. Mas havia também a reforma bancária, enfim, reforma política.

João Goulart

CS– Governador, qual o momento crítico do governo João Goulart? Por quê?

Brizola – Todo o Governo dele foi crítico. Todo governo dele foi ameaçado. Foi um governo que se desenvolveu sob ameaças e teve momentos mais difíceis. Mas eles planejaram que o golpe sairia no momento em que o governo estivesse desestabilizado, estivesse enfraquecido, incapacitado de uma reação. Sabiam que o presidente João Goulart não ia estudar bem a situação. Estudaram a personalidade dele e viram que ele era um homem pacífico, generoso, um homem que não insistiria em permanecer no governo, se houvesse derramamento de sangue. Eles cuidaram de verificar pontos que pudessem reagir independentemente da vontade do presidente João Goulart.

Esperaram que eu terminasse o governo no Rio Grande do Sul, ponto primeiro. Tiveram a capacidade de jogar muito dinheiro lá para eleger o governador, neutro que fosse. Um governo que era, no fundo, do lado deles, mas incapaz de uma grande reação em favor deles, porque não tinha força popular.

Esperaram que o General Osvaldo também saísse do Comando do I Exército. Os comandos tomassem uma situação mais profissional, uma vez que armassem o golpe, eles não iam ter nenhuma iniciativa. Mas a verdade é que o governo cultivava a idéia do ‘dispositivo militar’. Muitos chefes militares diziam: “Os golpistas que botem a cabeça de fora. Nós só esperamos isso”. Estavam completamente equivocados. Não tinham condições, capacidade, porque o gover-

no João Goulart foi um governo muito perturbado, não pôde administrar praticamente. Primeiro foi aquele Parlamentarismo, que foi um esforço para se derrubar, quase teve um plano de Estado Maior. Eu quero dizer que, não é por nenhuma vaidade, nem pretensão, eu derrubei o Parlamentarismo.

CS – De que forma?

Brizola – Primeiro, consegui a ida para a função de Primeiro Ministro do Dr. Francisco Brochado da Rocha, que era o meu Secretário de Justiça. Ele veio, foi votado pelo Congresso e tinha esse compromisso comigo e nós tivemos oportunidade de estabelecer uma estratégia, visando impedir que as oligarquias que dominavam o Congresso continuassem com aquele regime. Nós queríamos exigir o plebiscito (*A emenda que implantou o Parlamentarismo em agosto de 1961 previa a realização de um Plebiscito, após o término do Governo Jango, mas foi antecipada*). Não era uma derrubada autoritária. O Congresso não teve outro caminho senão votar (*O Congresso, através de nova emenda aprovou a antecipação do Plebiscito*).

Eles são muito espertos, os representantes das oligarquias. Então, em vez de fazer com que o plebiscito se realizasse no dia das eleições que eram imediatas, eles fizeram as eleições em outubro/novembro daquele ano para eleger os deputados deles todos e o plebiscito em janeiro ou fim de dezembro. O plebiscito se realizou e foi assim: de cada 10 votos, 9 eram contra o regime, mas eles o anularam. Porque ali tinham que eleger o Presidente da República. (*Com a derrubada do Parlamentarismo, graças ao pronunciamento plebiscitário, foi restaurado o Presidencialismo e o Presidente João Goulart assumiu as funções de Presidente*). Os deputados estavam eleitos e os senadores também. O controle do Congresso, eles tinham garantido. Frustraram muito a decisão popular e o Congresso tornou-se uma grande base do golpismo. A maioria do Congresso era conservadora, a base do golpismo e da conspiração. A partir dali, o conservadorismo, as oligarquias brasileiras civis e militares não cuidaram de outra coisa senão conspirar.

Golpe de 64

Eu considero que o Presidente João Goulart não foi derrubado, ele não foi deposto como classicamente nós consideramos esse episódio, uma deposição: é o caso de um governante que não quer sair, resiste e é vencido. Não. O Presidente João Goulart não quis resistir. Ele levou até um ponto em que sentiu que se esgotavam as negociações políticas e o Presidente renunciou porque ele não queria derramamento de sangue. Esse é o ponto. Então ele, na verdade, renunciou, entregou o governo, como ocorreu em 45. O Presidente Vargas não foi deposto, como quem chega e recebe um ultimato: o senhor está deposto. Agarra o chapéu e sai de cabeça baixa. O Presidente Vargas saiu. Ele se sentia muito desgostado com a situação e na verdade renunciou.

CS- Um tiro teria mudado a história?

Brizola – Em 64?

CS- É.

Brizola – Eu não tenho a menor dúvida. O Presidente João Goulart jamais deu ordem a algum comandante militar, que pediam, telefonavam para ele: “Nós somos legalistas, Presidente”. O General Oromar, o bravo General Oromar, comandante da Vila Militar, dizia: “ Eu sou um general legalista, Presidente. Eu coloco a minha vida nessa resistência para repelir essa tentativa de golpe. Mas eu dependo de ordens. V. Excia. me dê ordem. Eu preciso da ordem do meu comandante supremo”. Ele dizia: General, espere um pouco. Não se afobe. Nós estamos trabalhando.

O Almirante Aragão, que era comandante dos Fuzileiros Navais dizia: “Presidente, eu lhe peço, lhe apelo. Eu quero ordens para impedir essa situação anárquica que o Governador Lacerda está fazendo, botando os caminhões de lixo ali, a defender o Palácio, num desafio a todos nós.

E ele não deu ordens e tinha condições. Se ele quisesse comandar uma resistência, não caía. Isto é que eu quero dizer: não caía.

Pelo seguinte: a aviação militar estava com o Presidente João Goulart. Aqui no Rio de Janeiro, o Brigadeiro Moreira Lima, de

Santa Cruz, chegou a chorar por não poder enfrentar os golpistas. Todos os fuzileiros navais, que era a força mais mobilizável aqui estavam *in totum*, desde o seu comandante, toda a sua oficialidade, seus soldados, todos com o Governo. Tinham condições de botar o Lacerda a correr com aqueles caminhões dele, brincando, sem um tiro.

E assim fomos examinando, examinando e indo verificar que eles não tinham nada. Foi um golpe de esperteza. Foi-se daqui para Brasília e de Brasília para Porto Alegre e lá, finalmente, fizemos uma reunião. Na reunião eu fiz a seguinte proposta: “Presidente, eu queria sugerir o seguinte: que o senhor fosse para São Borja. Está aqui o Comandante da Divisão que controla aquela área e ele vai dar as garantias, e o senhor leva a sede do Governo para lá e o senhor nomearia o General Ladário, ministro do Exército e eu lhe pediria que nomeasse a mim, Ministro da Justiça, para que nós, em conjunto, tomássemos todas as providências. Eu na área civil e ele na área militar para organizarmos a resistência”. Falou o General Ladário: “Estou plenamente de acordo, Presidente. Eu aceito a proposta do Deputado Brizola. Nós temos armas aqui para 110 mil civis, sem afetar o armamento regular do Exército. Acho que há condições. Temos alguns “furos” no III Exército, mas nós tratamos de sanear. Eu creio que o povo brasileiro no momento que verificar que há uma resistência, que é o golpe que está aí, que é um monstro que está na praça, vai ver, identificar que é o golpe, que é a ditadura, ele vai ficar do nosso lado. Eu conheço esse pessoal que sempre teve intenção golpista, diz o General Ladário. Na hora que eles tenham segurança que vai correr bala, eles vão pensar dez vezes”. O Ladário esteve firme. Olhos úmidos. Foi uma das figuras que, na minha vida, me impressionaram foi o General Ladário. Finalmente eu voltei ao assunto: “Presidente, nós gostaríamos de ouvir uma decisão de sua parte”. Ele disse o seguinte: “Eu verifico que para o meu retorno ao exercício do governo, para me manter no governo, nós vamos ter derramamento de sangue. E eu, honestamente, não quero que a minha permanência no governo represente esse sacrifício para o povo brasileiro. Tendo que haver derramamento de sangue, eu prefiro me retirar. E é o que eu vou

fazer neste momento. Pediria ao General que tratasse de assumir a manutenção da ordem e eu vou me retirar para ver, lá em São Borja, o que eu vou fazer”. Depois de São Borja, ele foi para o exílio. Trataram de passar os comandos e se desencadeou a repressão lá em Porto Alegre.

Eu mesmo fui descansar no sítio de um amigo e acompanhando pelo rádio, fui verificar que estavam prendendo todo mundo, invadindo casas. Já havia se desencadeado a violência.

Costa e Silva

Costa e Silva assumiu porque era o mais velho, não tinha ninguém no Ministério (*da Guerra*). O ministro estava doente (*Brizola refere-se ao Gen. Jair Dantas Ribeiro, hospitalizado, e gravemente enfermo*) Então, ali na confusão, disseram: olha o melhor é o senhor assumir porque é o mais velho, até que tenhamos outra orientação. E o General Mourão se mandou para Minas. Não tinha menor condição de enfrentar a situação. Recebeu ordens do General Costa e Silva: vá acampar no Maracanã. Aqui está tudo bem, tudo em ordem.

Quem tinha até o direito de assumir o ministério no momento era o General Mourão, que pelo menos, tomou a iniciativa. Pegou a divisão dele e saiu para a estrada. Chegou aqui, mas não tinha plano político nenhum. Foi para o Maracanã tomar Coca-Cola. Quando ele foi falar com o Costa e Silva, ele disse: eu já assumi. Ele ficou falando sozinho.

Em 1930, quando as forças revolucionárias já tinham ultrapassado São Paulo, o Exército aqui destituiu o Presidente Washington Luís e assumiu o governo (*Através de uma Junta*) e se comunicou com o comando revolucionário, dizendo: “Parem aí. Nós destituímos o presidente para pacificar o país, restabelecer a ordem”. Se fosse o General Mourão, tinha parado ali. Mas não. Os revolucionários de 30 tinham um plano político, eles tinham um programa e responderam para os generais da Junta que havia assumido o governo: “Saíam vocês daí, porque nós não vamos parar”. E aí é que surgiu aquela história de amarrar os cavalos no Obelisco. “Saíam daí. Nós estamos mandando um representante, civilizadamente, para ter um

entendimento com vocês”. E o Oswaldo Aranha veio, teve um entendimento com eles que viram que não tinham mais condições e resolveram esperar a chegada do Presidente.

40 anos depois

Eu não faria nada diferente do que fiz. Eu não suportaria a ofensa que representou a instituição desse regime aqui. Ia para o exílio e, claro que, até 64, se eu soubesse bem certo de tudo aquilo, eu teria procedido diferente.

CS- De que forma?

Brizola – Iria procurar outras alternativas de organizar a resistência. Muitos setores iam me ouvir e aceitar as minhas razões. Mas eu não tinha certeza se vinha. Eu achava até que vinha (*o golpe*) em junho, não em abril. Porque é preciso corrigir a data. O golpe mesmo, a ocupação do governo foi no dia 1º de abril, não foi 31 de março, que era uma data neutra e o 1º de abril não é uma data neutra. Eles ficaram com receio que aquilo virasse uma gargalhada, que virasse motivo de uma zombaria, gozação. “Isso é 1º de abril”. Porque você sabe que a gargalhada tem grande poder. Uma gargalhada bem dada derruba um governo.

Anistia

Amargo é o sentimento de vingança. Ele é como um tumor. Tem que exorcizar, se for necessário até operar e tirar fora. Esse foi o ensinamento da minha mãe quando éramos pequenos. Ela nos criou quando meu pai foi morto, na revolução de 23. Foi fuzilado injustamente, porque já tinham feito a paz e o governo fazia esperas contra muitos chefes daquela revolução e meu pai era um deles. Era um capitão rebelde e já vinha desmobilizado, para casa e ela não teve como avisá-lo. Ele foi preso e logo adiante fuzilado. Ela nos criou com esse pensamento: nada de vingança. Foi isso que me fez compreender a anistia.

Quando toda a esquerda, que estava conspirando, estava no exílio e finalmente nós estávamos esgotados, o regime se consolidou.

Quando eu fui expulso do Uruguai e perguntei ao Presidente Carter se ele me recebia, ele me mandou dizer que sim e eu fui para lá. Depois, fui para a Europa a convite do Willy Brandt e do Mário Soares. Em Paris, fiz uma reunião com os exilados que estavam lá. Eram uns trezentos na sala e eu já havia falado uma outra vez sobre a questão da anistia. Me receberam muito hostilmente aqueles compatriotas, a meu ver. Eu disse a eles que não significava recuar em nada, mas que a anistia era um episódio na luta. Se nós conseguíssemos, estávamos mobilizando a povo brasileiro a exigir a anistia. Então contei essa história da minha mãe. “Por isso é que eu compreendo melhor que vocês, mais rapidamente. Porque a anistia tira uma espécie de tumor de dentro da gente, que é pernicioso e prejudicial à nossa saúde política, que é o sentimento de vingança. Nada de vingança. A vingança política, ou melhor, a justiça política é muito diferente da justiça comum”. Eu cito como exemplo o seguinte: eu estive no exílio 15 anos. Voltei, vim morar aqui, no Rio de Janeiro, em Copacabana. Muitos que me fizeram mal, já deviam estar prestando contas ‘pro velhinho’ lá em cima. Eu sou de uma família de longevos. Tanto os Mouras quanto os Brizolas, quase todos morrem com 100 anos para cima. Então, eles vão primeiro do que eu.

Mente Limpa

Eu fui Governador depois e soube que a viúva do Lacerda e os filhos não tinham nada, estavam praticamente sem meios de sobreviver. Eu tomei a iniciativa de propor uma pensão para ela. Isso para mostrar que a minha mente estava limpa.

Quando eu assumi o governo aqui, o Geisel estava morando aqui no Rio de Janeiro e também o Médici. Eles todos cheios de problemas. Porque o Exército tem o seguinte: depois que sai do Exército, cada um que se arrume. Não costumam dar segurança, a não ser para algum chefe político importante.

Então chamei o Comandante da Polícia Militar e disse: “Coronel, o senhor se farde impecavelmente e peça uma audiência para fulano, beltrano, sicrano e dei uma lista para ele. Quando for recebido por eles, o senhor bata continência e diga a eles: eu venho em nome

do Governador Leonel Brizola. É claro que ele não tem nada com as suas idéias e o senhor não deve ter com as dele. Mas ele é o responsável pela sua segurança pessoal e de sua família e ele faz questão que não haja nenhum abuso quanto à sua segurança. O senhor se sinta à vontade e diga, relacione, os que o senhor deseja da polícia civil ou da polícia militar que venham aqui desenvolver um trabalho contínuo de segurança”. Falou com eles. Eles estranharam, se sentiram surpresos, mas reconhecidos.

Lula

CS – O Brasil de hoje está imune a rupturas como as de 64?

Brizola – Não, absolutamente. Eu acho que é até uma das questões que me preocupam. Quando um governante se mostra incompetente, inconsciente como está ocorrendo agora, é sempre um perigo muito grande. Porque a Nação quer avançar. Diz que até um pai quando seus filhos querem estudar, querem avançar, querem progredir, eles acabam deixando a casa dos pais. Isso também pode acontecer. Crises, dificuldades grandes.

Eu lamento, porque eu gostaria que o Lula acertasse. Mas não me parece que desse mato vá sair coelho. Obrigado.